

Monte Verde: hospitalidade, turismo e imigração

*Monte Verde: Hospitality, tourism and
immigration*

Lecy Gotardo Cirilo¹

RESUMO: A cultura de hospitalidade nada mais é do que diferentes formas de acolhimento, influenciadas por questões culturais, educacionais, sócio-econômicas e religiosas, presentes nas comunidades, e em especial na comunidade de Monte Verde –MG. A escolha de Monte Verde como “estudo de caso” deu-se por envolvimento pessoal com o lugar, pelo caráter de especificidade e identidade da pesquisadora com a região, e também pelo caráter inovador que é o estudo da hospitalidade em comunidades. Para isso, usou-se a pesquisa qualitativa, como sustentação para as observações das diferentes abordagens da hospitalidade presentes em Monte Verde,

¹ Mestra em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi, graduada em Direito. Professora do Curso de Turismo da Universidade Anhembi Morumbi.

desde sua formação. Monte Verde nasceu a partir da idéia de Verner Grinberg, um imigrante leto, um visionário de crenças e valores próprios, que tinha em seu caráter fundador a hospitalidade, com base nos preceitos da religião batista. Logo após a sua fundação, chega na região o turismo, motivado pelo interesse das pessoas em conhecer Monte Verde, pela riqueza de cenário, as belas paisagens e pela gastronomia local. O turismo continua até os dias atuais, e tornou-se a mais importante atividade sócio-econômica local. Juntamente com o turismo, surgiram outras formas de hospitalidade, a exemplo da hospitalidade comercial e urbana, esta última com propósitos de conhecer o interesse da administração pública em promover as verdadeiras funções sociais da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: hospitalidade em comunidades; hospitalidade familiar; turismo; hospitalidade comercial; Monte Verde.

ABSTRACT: The hospitality culture nothing more is of that different forms of shelter, influenced for cultural, educational, partner-economic and religious questions, present in the communities, and especially in Monte Verde – MG. The Monte Verde choice of as “case study” was given for personal involvement with the place, the character of especificity and identity of the researcher with the region, and also for the innovative character that is the study of the hospitality in communities. For this, it was used qualitative research, as sustentation for the comments of the different boardings of the hospitality in Monte Verde, since its formation. Monte Verde was born from Verner Grinberg idea, an immigrant leto, a proper visionary of beliefs and values, that the hospitality had in its founding character, on the basis of the rules of the baptist religion. Soon after its foundation, arrives in the region the tourism, motivated for the interest of the people in knowing Monte Verde, for the wealth of scene, beautiful landscapes and for the local gastronomia. The tourism continues until the current days, and became the more important local partner-economic activity. Together with the tourism, other forms of hospitality, as commercial and urban hospitality, this last one with intentions to know the interest of the public administration in promoting the true social functions of the city had appeared.

KEY WORDS: hospitality in communities; familiar hospitality; tourism; commercial hospitality; Monte Verde.

A cultura da hospitalidade – elementos essenciais no processo de formação de Monte Verde

Entender a dimensão da hospitalidade presente no cenário que envolve Monte Verde, desde o seu processo de formação por um imigrante *letão*² batista, convida também a conhecer um pouco do processo migratório de indivíduos deste povo, marcados pelo sentimento de perseguição em seu próprio país, devido ao grande número de invasões de outros povos europeus de religiões distintas, que acabaram por se envolver no movimento migratório denominado “Despertamento”, motivado pela religião, e encontrando no Brasil a “terra prometida”.

A Letônia é o maior dos três países que compõem os chamados países Bálticos: Letônia, Estônia e Lituânia. Sua capital Riga é a origem da maior parte dos imigrantes *letos* no Brasil. Neste país, invadido sucessivamente a partir de 1914, a religião sempre foi considerada um sinal supremo de vitalidade e desenvolvimento moral e espiritual. Segundo Ronis (1974, p. 204), o “Despertamento” espiritual da Letônia teve origem em circunstâncias difíceis, geradas pelas guerras, e com isso nasceu entre os crentes em Deus um forte amor fraternal, que previa “nova vida e fervor”.

O “Despertamento” religioso e de nacionalidade aconteceu na segunda metade do século XIX que teve, segundo a historiadora Milla Tupes (1979, apud SILVA, 2002, p. 42), um reforço expressivo das instituições religiosas que buscou despertar um sentimento de nacionalidade, devido à disseminação das tradições puritanas do país nas fortes influências sofridas em vários setores da sociedade *leta*.

Diante da possibilidade de emigrar para o Brasil, os *letos* viam a oportunidade de uma nova vida, na crença no progresso, viver em condições superiores à que viviam em seu país e num trabalho missionário que pudesse se consolidar, pela edificação de uma nova sociedade.

² “letos” ou “letões” são as designações mais conhecidas entre os povos latinos. Derivam-se da alcunha que lhes deram os antigos livos ou lívios (fino-ugros), povo vizinho nos primórdios de sua história, em cuja língua a palavra “lett” significa “cavar a terra”, pois os letos sempre foram essencialmente agricultores. A divulgação destas designações geográfica e étnica entre os latinos, ao que parece, deve-se ao primeiro cronista *leta*, Henricus de Lettis, sacerdote católico romano, que entre 1225 e 1227 escreveu, em latim, a sua *Choricon Lyvoniae*, da qual são conhecidas hoje pelo menos 24 cópias (RONIS, 1974, p. 31).

É nesta crença que se encontra a maior força e motivação para ir em busca da “terra prometida”, que segundo as concepções de Max Weber (1967, p. 104) ser compreendida como uma postura de ascetismo religioso que orientava um comportamento metódico e um planejamento racional do indivíduo de acordo com a vontade de Deus, pois a certeza da salvação diferenciava, e potencializava uma conduta de enfrentamento de toda a ordem de obstáculos e um inabalável otimismo com relação ao futuro, mesmo quando o fracasso parecia ser iminente, diante das tentações que a vida oferece.

Os primeiros imigrantes *letos* chegaram ao Brasil em 1890, juntamente com os poloneses, ucranianos e outros tidos como “russos”, pois eram procedentes do Império Russo, com documentos russos.

No século XX, a imigração *leta* para o Brasil foi mais acentuada, motivada por conturbações político-institucionais³ enfrentadas pela República Báltica da Letônia. Mais precisamente a partir de 1922 e 1923, estes imigrantes chegaram no Oeste Paulista, em terras situadas no extremo sertão, cujos preços eram atraentes e acessíveis às suas condições econômicas, além de obedecer a parâmetros culturais e religiosos, considerando-se também as condições econômicas e políticas de acesso às terras naquele período.

A religião e o papel da igreja na vida destes colonos sempre foram marcantes, especialmente no período do pioneirismo. A religião oferecia, segundo Silva (2002, p. 134), acolhimento, conforto, segurança, e mesmo estímulo à superação de todos os infortúnios. Para estes imigrantes, este foi o único elo com o passado e os ajudou a edificar o modelo de sociedade que haviam concebido na velha pátria.

A união fraternal e a fé destes colonos mais tarde culminaram com a formação de Monte Verde e a construção da Igreja Batista na região, como um símbolo forte de profissão de fé e formação de uma comunidade mais harmoniosa, acolhedora e segura diante das tentações e facilidades oferecidas pela vida moderna.

³ Em 1917, a Revolução Bolchevista influenciou a recém-formada República Báltica da Letônia.

Monte Verde: aspectos constitutivos de sua história e hospitalidade

Monte Verde⁴, pequena cidade conhecida como a “Suíça Mineira”, é um dos muitos casos brasileiros de cidades cuja história se confunde com a história de seu fundador, no caso Verner Grinberg⁵. O estilo arquitetônico de suas construções, em estilo alpino, a culinária com características diversificadas de algumas regiões da Europa, aliadas à brejeirice mineira compõem o que, entre nós, representa uma apreciável oferta turística, em especial de ecoturismo.

A exuberância do lugar, aliada ao cenário que lembra as paisagens alpinas e as suas condições climáticas⁶, foram fatores atraentes à chegada dos imigrantes, primeiramente vindos da Letônia, e responsáveis pelos primeiros movimentos de urbanização e, posteriormente, os imigrantes oriundos da Hungria, Suíça, Alemanha, Rússia e Itália, que convidados a migrarem de outras áreas do Brasil, encontraram em Monte Verde o lugar ideal para constituírem suas vidas, famílias e prosperarem em diferentes atividades econômicas e sociais.

Monte Verde tem, assim, sua identidade marcada por traços culturais e religiosos; sugerida pela iniciativa de um imigrante, traz em si características particulares de cultura.

Monte Verde: um cenário de hospitalidade

A hospitalidade sempre esteve presente em Monte Verde desde o momento de sua fundação, quando ainda era uma grande fazenda representada pela hospitalidade familiar que, imbuída de preceitos religiosos, trazia em seu bojo o acolhimento ou o simplesmente “acudir” as pessoas que professassem a mesma religião e, preferencialmente, de mesma nacionalidade.

⁴ Monte Verde é a tradução do próprio nome Grinberg: *grin*, termo semelhante ao *grün*, que em alemão, significa verde e *berg*, significa monte.

⁵ Verner Grinberg, nasceu em Riga, na Letônia em 1910, e emigrou para o Brasil em 1913, acompanhado de seus pais e outros imigrantes *letos* adeptos da religião batista.

⁶ O clima de Monte Verde é frio e seco e as temperaturas podem chegar a -10 °C no inverno e, no verão, as temperaturas ficam registradas entre 14 °C e 25 °C. Disponível em: <www.vozdaterra.com.br>.

O termo “acudir” utilizado por Verner faz referência às suas ações de acolhimento feitas aos imigrantes de mesma religião, de nacionalidade *leta* e de outras nacionalidades (a exemplo de húngaros, suíços, alemães, russos e italianos), durante todo o processo de formação de Monte Verde e nas obras missionárias da igreja batista com as quais esteve envolvido.

A idéia inicial de Verner não era formar uma “cidade”, mas sim, trazer para perto de si os parentes, amigos e amigos dos amigos que quisessem, de alguma forma, morar na fazenda. E, na perspectiva de bem recebê-los, ainda que por alguns momentos, preocupava-se com atos de alimentar e acolher e, para isso, a Sra. Emilia, sua esposa, esmerava-se no preparo da comida, tipicamente da Letônia, região a qual pertenciam, para servir às pessoas que visitavam a fazenda e que, tomados pelas ricas lembranças da terra natal, entusiasmavam-se por vir morar em Monte Verde, enfatizando a colocação de Montandon⁷, de que a “hospitalidade familiar é marcada pela sociabilidade primária, feita de intimidade, de aconchego” [...] “é a matriz e o espaço de preservação dos rituais legados pela tradição, tanto na forma de recepcionar, como de hospedar, de alimentar e entreter”.

Paula (2002, p. 74) enfatiza que as diferentes formas de receber bem podem ou não apresentar esforço para isso. Desta forma, o desejo de satisfação das necessidades humanas, primeiramente, é o de satisfazer, por intermédio do alimento; e, em segundo lugar, o desejo de acomodar. Com isso, a preocupação de quem recebe está em oferecer uma especialidade da arte culinária.

Havia um esforço por parte da família Grinberg em oferecer algo que surpreendesse o paladar dos visitantes e que tornasse a hospitalidade memorável, quando era oferecida aos imigrantes, inicialmente, de mesma nacionalidade e religião e, posteriormente, às outras pessoas que vinham conhecer a região.

À medida que as pessoas tomavam conhecimento da beleza de Monte Verde, do clima e dos ricos sabores da culinária regional européia, o aumento gradativo da demanda tornou-se inevitável.

Em 1950, diante desse fato e da necessidade de proporcionar maior conforto aos visitantes vindos de São Paulo e de outras partes interessadas em conhecer Monte

⁷ MONTANDON, Alain. *O desafio da Hospitalidade*, texto apresentado pelo Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, no curso de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi.

Verde, Verner construiu um pequeno hotel. Esse primeiro hotel em Monte Verde e, por conseqüência, a exploração da atividade turística, propiciou o surgimento de uma hospitalidade comercial, ainda que incipiente, considerando-se nesta fase intermediária, a coexistência das hospitalidades tanto no âmbito familiar, marcadas por preceitos da religião batista e pela cultura de imigrantes, e a hospitalidade comercial, com o início das atividades turísticas.

A hospitalidade comercial, segundo Godbout (1997, p. 37) atribui a quem recebe a obrigação do “alimento, espaço, proteção e segurança”; em contrapartida, aquele que é recebido, paga pelos serviços ou produtos que recebe.

Com a valorização econômica do bem ou serviço por parte de quem oferece, os laços sociais são dissolvidos, minimizados ou inexistentes, pois não há a obrigação de retribuir por parte de quem recebe, e, no lugar, surge a obrigação da contraprestação, na forma de pagamento do bem ou serviço.

O turismo, segundo Godbout, ilustra bem a hospitalidade comercial por intermédio da despersonalização do espaço, porque se paga pelo que se busca através da qualidade das superestruturas e da infra-estrutura oferecidas, igual ou superior àquelas que as pessoas têm em seus lugares de origem.

Dentre as diferentes formas de percepção da hospitalidade de uma comunidade, avaliar o dom do espaço por meio das questões ambientais, a qualidade de vida urbana, as interferências provocadas pelo ser humano, a existência ou não de um planejamento do espaço urbano, instiga a pensar a hospitalidade como conseqüências de práticas ambientais mais sustentáveis.

Apesar de Monte Verde estar protegida desde 1996 pela criação de uma Área de Proteção Ambiental – APA Fernão Dias, a região possui uma forte presença de elementos naturais conjugada à ambiência urbana, que requerem melhorias que possam elevar a qualidade de vida das pessoas e produzir benefícios aos que vivem ou visitam Monte Verde, em decorrência da presença do turismo.

Grinover (2001, p. 26) sugere que a hospitalidade do ambiente urbano sobreponha os aspectos de acolhimento e, para isso, defende a observação sobre a proporção entre “acessibilidade, legibilidade e identidade”, capazes de tornar o espaço hospitaleiro, sob o ponto de vista de quem nele habita ou visita.

Assim, muito embora Monte Verde esteja constituída de um cenário ambientalmente rico, dentro da categoria de Unidade de Conservação, em que os interesses econômicos e ambientais devem conciliar-se, ela deve ser vista como uma área que deve ser submetida a um regime especial de gestão ambiental, com intuito de inibir a expansão desordenada da ocupação do solo, a principal ameaça dos atributos naturais que favorecem o turismo local e que, por conseqüência, compromete a hospitalidade do lugar.

Quando se percorre as ruas de terra ou calçadas no núcleo urbano, ou fora dele, percebe-se imediatamente que o cenário foi regido pela presença do verde que desenhou a sua forma nos milhares de pinheiros e araucárias que se sobressaem em meio às espécies de *pinus pátula*, de origem mexicana, e a *cumingavea lansciolata*, de origem chinesa.

Não obstante os inúmeros atrativos, existem pontos conflitantes que atentam contra a hospitalidade de Monte Verde. A principal via de acesso é a estrada que une Camanducaia a Monte Verde. São 35 km de estrada semipavimentada, em condições precárias quanto à sua conservação. Essa estrada, além de atender aos turistas que vão a Monte Verde, serve aos moradores das fazendas da região e a um tráfego pesado de caminhões que circulam carregados de madeira extraída das áreas de reflorestamento de uma companhia de papel e celulose.

Além do alto risco de acidentes, a sinalização turística ao longo da estrada é praticamente inexistente, estando as poucas informações prejudicadas por conta do excesso de placas que fazem propagandas dos empreendimentos hoteleiros e do comércio local que, além de não atender às exigências mínimas previstas pela regulamentação turística, provocam poluição visual e ambiental, não permitindo que os usuários da estrada desfrutem da paisagem no percurso até chegar a Monte Verde.

O núcleo urbano apresentava até recentemente o mesmo problema de falta de padronização da sinalização turística, o que foi em parte corrigido, quando os comerciantes locais criaram placas padronizadas.

Outra problemática do núcleo urbano de Monte Verde é a falta de saneamento básico. O esgoto da avenida Monte Verde, a principal via local, com comércio e restaurantes, corre a céu aberto, em meio ao trânsito de veículos, pedestres (turistas e

moradores), e o mesmo é lançado *in natura*, no lago Monte Verde, considerado um dos cartões postais da “cidade”.

Os fatores degradantes presentes em Monte Verde, desde o acesso até o seu núcleo urbano, incidem na hospitalidade urbana e, por conseqüência, influencia a hospitalidade comercial, pois o sucesso do acolhimento que a cidade faz a seus visitantes depende do sucesso das atividades comerciais existentes no local.

A cidade é um espaço para legitimar as políticas urbanas e onde a hospitalidade assume, segundo Montandon, “a sua dimensão política”. Se o espaço urbano não se apresenta de forma adequada, reproduz a incapacidade do caráter político, de sua construção e da modalidade de sua reprodução, como expõe Acserald (1999, p. 85 *apud* GODARD, 1996, p. 31):

A incapacidade das políticas urbanas de adaptarem a oferta de serviços urbanos à qualidade das demandas sociais, provocando um “desequilíbrio” entre as necessidades cotidianas da população e os meios de as satisfazer, entre a demanda por serviços urbanos e os investimentos em redes e infra-estrutura.

Acredita-se que quando o crescimento urbano não é acompanhado por investimento em infra-estrutura, a oferta de serviços urbanos não acompanha o crescimento da demanda.

A exemplo disso, em Monte Verde, turistas e moradores evocam as qualidades locais, sem contudo deixarem de atentar para as deficiências do espaço urbano, que tendem a influenciar nos aspectos de hospitalidade.

O dinamismo urbano evoca, nas cidades, a necessidade de políticas urbanas compatíveis com o desenvolvimento pleno das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, um direito ao bem-estar do cidadão amparado pela Constituição Federal Brasileira de 1988, que dispõe no seu artigo 182, *caput*, que:

a política de desenvolvimento urbano, executado pelo Poder Público Municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus visitantes.

A falta de investimentos em equipamentos urbanos em Monte Verde tende a acentuar o *déficit* na oferta de qualidade dos serviços, que rebate espacialmente sob a forma de segmentação sócio-territorial entre as pessoas que são atendidas e as que

não são atendidas por tais serviços, formando verdadeiros *apartheids* socioeconômicos. Isso é o que Ascerald (1999, p. 86) chama de “queda de produtividade política dos investimentos urbanos” e a cidade caracteriza-se como sendo uma base técnico-social construída com finalidade social, porém, repleta de limitações técnicas e de vontade político-partidárias.

O planejamento do espaço, seu ordenamento e a manutenção da identidade formam os elementos essenciais para a hospitalidade do lugar, e o grande desafio da gestão urbano-ambiental é a consolidação democrática dos agentes políticos e sociais que se compatibilizam com o desenvolvimento econômico de forma justa, que reserva o meio ambiente e mantém a identidade do lugar, de modo que possa ser referenciada pela sua qualidade.

Monte Verde, apesar de apresentar toda a problemática do espaço urbano, tem na oferta de produtos da gastronomia uma dos indicadores⁸ de hospitalidade. Os sabores diversificados dos alimentos oferecidos em Monte Verde encontram sua representatividade na cultura regional européia, por meio de *fondues*, das racletes, das trutas frescas ou defumadas (servidas em diferentes modalidades), dos chocolates, as “pímulas”, uma versão do pão de mel, recheado com doce de leite, com leve sabor de canela, coberto com chocolate, do *apfelstrudel* servido com ou sem sorvete de creme ou simplesmente do *strudel*, com recheio de ricota e legumes.

A tradicional cultura mineira também encontrou o seu espaço em Monte Verde e tem a sua representatividade na diversificada oferta de queijos, de doces de leite e suas variações, de doces caseiros de cidra, mamão e abóbora, de pinhão e do “tutu à mineira”.

O processo de interação entre turista e comunidade anfitriã, quase sempre provoca alterações nos valores e atitudes comunitárias, que podem interferir na hospitalidade do lugar e a partir desta interação coexistirem dois tipos de hospitalidade: a hospitalidade doméstica, a natural, como característica própria das pessoas e a hospitalidade comercial, a partir da chegada do turismo, em 1950.

Segundo Cooper (2001, p. 140), o setor de hospedagem, alimentos e bebidas de uma destinação turística, além de fornecer o abrigo ou sustento físico, mes-

⁸ Indicador, segundo Grinover, é um instrumento criado e utilizado para conhecer os aspectos da realidade que interessam a uma sociedade. In: *Hospitalidade e qualidade de vida: instrumentos para a ação*.

mo que em caráter temporário, é responsável pela criação de um sentimento de acolhimento e deixa uma impressão duradoura através da cozinha e dos produtos locais.

O comércio turístico de Monte Verde é servido por aproximadamente 100 lojas e, juntamente com a oferta hoteleira e de restauração⁹, é responsável pela oferta de aproximadamente mil empregos diretos, que atendem em média 1.500 turistas a cada fim de semana.

Hospitalidade em Monte Verde

Em Monte Verde, a hospitalidade se dava no âmbito familiar, marcada por preceitos de ética religiosa batista, que, de certa forma, confunde-se com a hospitalidade cristã, em geral, pois são caracterizadas por ver no hóspede a presença de Deus. No caso de Monte Verde, esta hospitalidade traz em seu bojo um componente adicional típico de minorias, que é o privilégio de iguais, ou seja, *letos* e batistas, primeiramente.

Mas a hospitalidade familiar foi aos poucos cedendo lugar à hospitalidade comercial, oriunda do desenvolvimento da atividade turística, que permanece até os dias atuais, porém merece destaque que os tipos de empreendedores tanto no âmbito hoteleiro, quanto de restauração e comércio, extensivo à mão-de-obra local, não são dotados de capacitação técnica capaz de promover serviços de hospitalidade comercial com excelência.

No âmbito da hospitalidade urbana, existe a necessidade de dotar a administração pública de capacidade plena para fazer um planejamento turístico eficiente e adequado para Monte Verde, recuperar as funções sociais da cidade, bem como torná-la uma destinação com qualidade de vida em primeiro lugar para a população local e depois para os turistas, pois somente assim, poderá ser resgatada a qualidade da hospitalidade urbana.

⁹ Dados fornecidos pela Associação Comercial de Monte Verde, em 2003 a oferta hoteleira era constituída de 17 hotéis (480 leitos); 58 pousadas (580 leitos); 30 chalés (180 leitos); 30 restaurantes (627 mesas).

A partir do momento em que o lugar se dispõe a receber pessoas, seja uma cidade, um hotel, restaurante, um espaço de comércio ou lazer, até mesmo a casa de moradia, deve estar preparado para fazê-lo bem, consciente das responsabilidades, uma vez que a hospitalidade presente nestes lugares permite-nos a celebração de um distanciamento e, ao mesmo tempo, uma proximidade, “experiência imprescindível no processo de aprendizagem humana”.

Referências

- ACSERALD, Henri. Discursos da Sustentabilidade Urbana. In: _____. *A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 27-55.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Turismo, Hotelaria e Hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Manole, 2002.
- COOPER, Chris *et al.* *Turismo princípios e prática*. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001. p. 201-216.
- COOPER, Chris; ARCHER, Brian. Os impactos positivos e negativos do turismo. In: THEOBALD, Willian F. *Turismo global*. São Paulo: Senac, 2001. p. 85-102.
- DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002.
- GODBOUT, Jacques T. Recevoir, c'est donner. In: *Communications*, n. 65, 1997. p. 35-47.
- GOTTMAN, Anne. La question de l'hospitalité aujourd'hui. In: *Communications*, n. 65, 1997.
- GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: um tema a ser re-estudado e pesquisado. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002. p. 25-38.
- _____. Hospitalidade e qualidade de vida: instrumento para a ação. In: DENCKER; BUENO. *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Desafios da pesquisa em Ciências Sociais. *Textos CERU*. São Paulo: Humanitas FFLCH-USP, 8, Série 2, 2001.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. *Em busca da hospitalidade: perspectivas teóricas e debates*. Barueri: Manole, 2003.

MONTANDON, Alain. *O desafio da hospitalidade*. Texto apresentado pelo Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, no curso de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, 2002.

PAULA, Nilma Morcef. Introdução ao conceito de hospitalidade em serviços de alimentação. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002. p. 69-82.

RONIS, Osvaldo. *Uma epopéia de fé: a História dos batistas letos no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974.

SILVA, Henrique Manoel. *Os imigrantes da Letônia no Oeste Paulista*. São Paulo: Eduem, 2002.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1967.

Artigo recebido em junho 2005

Aprovado em setembro 2006